



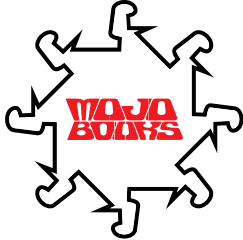
the beatles
SGT. PEPPER'S LONELY
HEARTS CLUB BAND

recontado por
CARLOS LOPES

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

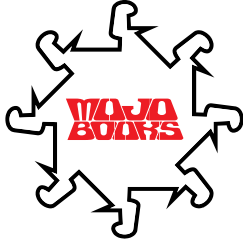
Danilo Corci
organizador



VOLUME 26

SGT. PEPPER'S
the beatles

recontado por **CARLOS LOPES**



VOLUME 26

SGT. PEPPER'S
the beatles

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Werner**

Junho de 2007

— Levanta! Tá na hora!

O maestro Pimenta bem que tentou abrir os olhos, mas só conseguiu emitir um grunhido sonolento. Em resposta à falta de perseverança, sua impaciente esposa Rita deu-lhe um safanão na ponta da orelha, utilizando termos bem menos jocosos.

— Levanta, seu vagabundo! Alguém tem que pôr comida nesta casa!

Pimentinha fez o que pôde, apesar da cortina de remela que lhe nublava a visão. Seu “bom dia” não obteve resposta. Como sempre.

— O café tá na mesa! Antes de sair, lava a louça, a roupa, tira o mato do quintal e leva o cachorro pra passear.

A batida da porta encerrou o “bom dia” nunca respondido. Há anos o casal restringia o diálogo ao fundamental. Pimenta, o velho sargento reformado e músico pra toda obra, amava a mulher e acreditava que ela ainda o amava do jeito dela. Através da janela pouco translúcida viu a esposa pegar carona com alguém. Pimenta perguntara um par de vezes quem era o motorista, sempre



vestido com terno quadriculado e gravata borboleta.

— Um amigo que me leva para tomar chá — ela respondia sem fitá-lo diretamente.

Ele nunca mais perguntou nada com receio do chá ter se transformado em algo mais. O músico ainda estranhava o fato dela se tornar outra pessoa, carinhosa e amável, depois de atravessar a soleira da porta. Rita de fato parecia amar sua profissão, pois ficava na rua todos os dias, inclusive sábados, domingos e feriados. Sua função era multar os motoristas que permanecessem estacionados sem pagar. Mas fazer o quê se ela não falava sobre seu trabalho e as horas extras? Lembrou dos pratos sujos e partiu para as tarefas domésticas.

* * *

Raramente tinham intimidades. Como regra não redigida, somente quando ela queria. Houve uma vez em que, cansado da maratona de ensaios com sua pequena “orquestra”, o maestro cochilou entre as pernas da esposa. Um soco o despertou. Apesar dos pedidos de desculpa, a dona nunca mais encostou nele. E essa última vez só rolou porque houve uma rara conjunção astrológica que ocorre a cada três décadas. Dava a impressão de que só

viviam juntos por comodidade. Parece que ela se acostumara a ele como a um cachorro. Sem a afeição.

A relação piorou de vez quando a única filha do casal fugiu de casa numa quarta-feira de manhã com o empregado de uma concessionária de carros usados. Apesar de passados vários anos, nunca mais tocaram no assunto. Em contrapartida, nenhum dos dois vivia um dia sem lembrar daquele meio de semana maldito. À época, Pimenta andava febril e Rita incomodada com algo que não sabia o que era. O canto do galo bretão apenas reiterou o inefável quando a mãe encontrou a carta de despedida da filhota sobre a cama. Aos gritos de “Ingrata!”, Rita proibiu que o nome da jovem fosse pronunciado dentro daquelas quatro paredes. A porta do quarto foi trancada para sempre. A chave, escondida no fundo da caixinha de costura. E assim foi feito. Nada mudou, mesmo quando descobriram que ela havia dado à luz a três belas criaturinhas: Vera, Chuck e Dave.

* * *

Após o serviço feito e o cachorro passeado, Pimenta pegou as partituras, a baqueta de estimação, o casaco, o chapéu e subiu até o segundo andar do ônibus vermelho em alguns segundos. Da





janela viu um amontoado de gente em torno de um carro batido. No dia seguinte, saberia pelas manchetes que um jovem rapaz rico falecera no acidente por não ter percebido que o semáforo havia mudado de cor. Vermelho, literalmente, significou sua morte. Nesse instante Pimenta pensou que talvez não fosse tão ruim tomar essas coisas “de jovens” sobre as quais costumava ler nos jornais... Para escapar da realidade, mesmo que momentaneamente. O jornal *News of the World* estampava diariamente os últimos fatos sobre o julgamento dos Rolling Stones Mick Jagger e Keith Richards por posse de maconha. Pimenta era das antigas, mas sabia que esse negócio todo cheirava a armação. Ninguém podia ser condenado por causa de um pequeno cigarro de cannabis. Era um exagero, pensou com seus botões.

— Quer dar uma tragada? — a linda mocinha sentada ao seu lado, ofereceu-lhe uma guimba.

O maestro olhou desconfiado, retorcendo a papada para trás. Após cerrar os olhinhos, focando melhor a figura angelical com longas madeixas encaracoladas, disse “sim”, para sua própria surpresa. Pimenta literalmente começou a “apertar o botão” naquela hora. Os olhos de caleidoscópio da jovem o encantaram a tal ponto que não viu nenhum problema em tragar o presente gentilmente oferecido.

— Meu nome é Lucy — ela disse com um sorriso que lhe fez lembrar a própria filha.

A jovem riu de satisfação vendo o velho tossir após o contato com o cigarro de origem duvidosa e com cheiro penetrante. Após alguns minutos Pimenta sentiu algo estranho, parecido com uma bebedeira, mas sem o mesmo pique. Achou tudo muito engraçado e começou a rir. Depois gargalhou. Uma rotunda senhora posicionada à esquerda lembrou-lhe um hipopótamo. Esse pensamento engraçado afrouxou-lhe o riso. Um cavalheiro de bigodes não apenas tinha cara de fuinha como parecia a própria. Pimenta sentiu-se navegando em um barco e não mais em um ônibus. Encostou o rosto na janela e do outro lado viu as ruas ornadas com árvores de tangerina e céu de marmelada. Folhas amarelas e verdes de celofane caíam dos galhos enquanto pessoas com rostos de cavalo comiam tortas de marshmallow ao lado de táxis de jornal.

Nessa altura, o maestro, completamente maravilhado com o festival de sons e luzes, notou que operários insistiam em tapar quatro mil buracos no meio do asfalto sem muito sucesso. Pequenas nuvens de algodão rosa choviam milimetricamente sobre cada um dos buracos enquanto o sol reinava lá fora. Mesmo assim os trabalhadores braçais prosseguiram em seu intento. Essa



imagem impressionou o velho músico. Ele se viu fazendo o que não queria. Com um casamento acabado, proibido de perdoar a própria filha, disse a si mesmo que era chegada a hora de mudar. Logo no domingo de manhã conversaria com Rita. Estava disposto a mudar de vida, largar o que estava podre, antes que ele mesmo apodrecesse dentro de um caixão de quinta. Sentiu que sua própria vida continuava dentro e fora de si mesmo e que nada mais poderia fazê-lo perder-se de sua alma.

Respirou fundo, sentindo o ar puro da mudança preencher os pulmões. Não se sentia mais com quase 65 anos. Voltou-se para agradecer a jovem de olhar solar pelo cigarro. Ela não estava mais lá. Nem deu tempo para sentir tristeza ou saudade. Desceu numa esquina sem ter certeza se era o local certo, antes que enfartasse de tanta felicidade. Estava tão radiante que fez pouco caso da precipitação. Depois de algumas quadras, descobriu que não havia saltado muito longe. Desceu à direita por uma pequena ladeira de casas geminadas, atrás de uma torre de fábrica que acenava da esquina. No caminho, reparou em um cartaz sobre um grande espetáculo de circo que ocorreria hoje, no mesmo horário em que sua orquestra tocava no parque. O circo, conduzido pelos senhores Kite e Henderson, apresentaria vários números: a magreza do faquir; o mais alto dos trampolins; o círculo de fogo;



danças e cantorias; Henry, o cavalo que dançava valsa; e muito mais! O espetáculo estava marcado para o mesmo horário do seu: dez pras seis. Estrategicamente coincidente. Pimenta sentiu-se prejudicado, mas fazer o quê? Era um mundo livre. Mas bem que dava vontade de ver o circo pegar fogo. Levantando a poeira e dando a volta por cima, o maestro seguiu até o sobrado onde ensaiava com sua pequena orquestra. Cumprimentou os velhos companheiros de labuta, ainda sob o efeito do estranho cigarro. Sem rir, viu-os como lindos bebês em corpos de septuagenários com nuvens brancas sobre as cabeças. Eram quatro músicos: John Veneno; Paul Malasartes; George, filho do Harry; e Nariz. Esse último, o percussionista, estava sempre ornado com dezenas de anéis de formas diferentes. Muitos em apenas um dedo. Dizia que lhe davam sorte.

A banda se chamava Corações Partidos. Havia aprendido a tocar com o maestro Pimenta há exatos vinte anos. E talvez por isso o seguissem fielmente. A especialidade do quarteto era executar as mais singelas canções de amor. Após muitos anos tocando o mesmo repertório e assistindo ao público de mais idade ser enterrado, decidiram incluir algo mais empolgante no *setlist*.

— Aqui, Nariz. Uma canção que escrevi ontem para o seu tom.



— Mas e se eu cantar desafinado? — perguntou.

— A gente tá aqui pra te ajudar — Veneno respondeu, olhando por sobre as lentes do óculos de aro redondo.

— Vamos lá — disse Pimenta erguendo a baqueta após dar suas três pancadinhas solenes na estante da partitura. — Mi maior.

Apesar da dificuldade do amigo em alcançar um mi mais alto, a banda se esforçou para deixá-lo bem à vontade. A estratégia deu certo. Apesar da voz anasalada, o resultado foi no mínimo estupendo. Presente àquela noite, um jovem rapaz de nome Joe Coqueluche foi quem mais bateu palmas, empolgado com a composição.

— Acho que vai “bombar” — disse com olhos injetados e longas costeletas ruivas.

Terminado o ensaio, trajaram-se com seus uniformes de cetim de gala: Nariz de rosa, Veneno de verde, o filho do Harry de vermelho e Malasartes de azul; apesar do brilho esmaecido de suas roupas. Retomar o ritual todos os sábados fazia com que os velhos músicos se transformassem em jovens de corpo, já que de espírito nunca haviam deixado de ser. Coqueluche pediu para ir junto. Pimenta não fez objeção alguma.

Entraram todos no velho carro e seguiram para o parque



onde se apresentavam há duas décadas. Ao saltar da condução, seus rostos decepcionados viram uma verdadeira massa humana dirigindo-se para a Bishopsgate, onde o circo estava estacionado. Pimenta tentou animar os velhos comparsas:

— Vamos lá pessoal. O circo é passageiro, é moda. Nós somos eternos.

— Até quando? Até quando... — perguntou Malasartes macambúzio, pensando duas vezes antes de retirar o fagote do case.

Mesmo com toda boa vontade era impossível não se sentir desprezado ao ver que havia somente uma espectadora. A única alma viva estava sentada em uma cadeira sobre a relva, um pouco afastada do palquinho. Não era possível ver seu rosto, devido ao pôr do sol. Não se podia afirmar se seus olhos transmitiam ansiedade ou se ela só estava lá para ser entretida por um bando de velhos obsoletos. De qualquer maneira, pensou Pimenta, a moça devia ser respeitada. O verdadeiro artista abre o sorriso e segue de cabeça erguida, tocando cheio de vontade para uma pessoa ou duas mil. E foi assim que fez ao levantar sua mítica baqueta. Os músicos se posicionaram, reluzindo sob a luz de lampiões e flâmulas de papel fino balançando ao sabor do vento.



— *One, two, three, four!* — Pimenta mandou ver na condução do “barato”.

— *Would you believe in a love at first sight? Yes, I'm certain that it happens all the time* — Nariz cantou em mi maior, também parecendo bem maior do que era na verdade.

Coqueluche vibrou durante todo o concerto, contorcendo-se em uma dança esquisita como se estivesse sofrendo um ataque epiléptico. Os músicos não comentaram nada, mas bem que pensaram em dar um toque pra mãe do garoto.

E assim o espetáculo dos bons velhinhos prosseguiu sem que o público aumentasse ou diminuísse. E eles mandaram muito bem. O sentimento positivo, cheio de tônicas, terças, quintas e sétimas conectou-os a algo muito especial. Ou teria sido o efeito retardado do cigarrinho que ainda fazia o maestro sentir-se nas nuvens?

Do outro lado do parque, os urros dos espectadores extasiados com a volúpia do circo voavam pelo ar como gritos de guerreiros sedentos por sangue. O eco do gozo coletivo arrepiou a espinha dos Corações Partidos, dando a primeira impressão de que eles deveriam se sentir relíquias de um mundo antigo, mas ocorreu exatamente o contrário: fomentou-lhes o sentimento de que sua paixão fora de moda era tão bonita e significativa



quanto as novidades do arrabalde. “A unanimidade é burra”, já dizia a velha jornalista Susana Flag, mesmo que os ingleses nunca tivessem ouvido o dito.

Terminado o concerto, recolheram os instrumentos e cumprimentaram-se felizes com o sucesso de mais uma jornada. Assim que passaram ao lado da moça na cadeira, ela se dirigiu ao maestro:

- Queria agradecer pelo bonito espetáculo de hoje...
- Não há de quê — respondeu lisonjeado.
- ... meu pai.

Os olhos do velho Pimenta se arregalaram. O coração parecia que ia sair pela boca. Aprumou a vista para ter certeza: era mesmo sua filha desaparecida há tantos anos.

— Minha menina... — respondeu chorando enquanto seus companheiros de banda faziam o mesmo, cientes de toda a história e emocionados com a magnitude do encontro.

- Não fala nada por enquanto, pai! Podem vir.

Assim que a ordem foi dada, três crianças saíram correndo de trás das árvores acompanhadas por um sujeito com bom astral, provavelmente o pai.

— Bem, Vera só pode ser você — disse Pimenta com olhos marejados abraçando a criaturinha. — E vocês dois só podem



ser Chuck e Dave. Que crianças lindas! Minha filha como te amo, como estava com saudades.

— Pai, aqui não é próprio para discutirmos isso, vamos para outro lugar. Quero te mostrar as fotos, te apresentar ao pai das crianças, que é um ótimo marido.

— Claro que sim, minha filha, mas primeiro tenho que levar os rapazes de volta para suas casas.

— Não esquentar a cabeça — o filho de Harry se manifestou com carinho. — Vá na paz de Krishna, a Suprema Personalidade de Deus.

Dando um forte abraço em todos, Pimenta despediu-se. Com as pernas fraquejando devido a forte emoção, foi mais amparado do que caminhou sozinho.

— *Sri-Krsna-caitanya prabhu nityananda sri-advaita gada-dhara srivasadi-gaura-bhakta-vrnda* — George cantava.

— Que tal irmos para o Albert Hall? — sugeriu Veneno.

— Tenho uma idéia melhor. Como é que se chama mesmo a música nova de vocês? — Joe Coqueluche perguntou todo empolgado.

— *With a Little Help from my Friends*.

— Pois é. Por que não gravamos essa música agora no estúdio de um camarada meu?



— Parece uma boa idéia — Nariz respondeu.

— Só que comigo cantando! — completou Coqueluche com um sorriso pra lá de maroto.

FIM



SOBRE A BANDA

Quando *Sgt. Pepper's And The Lonely Hearts Club Band* foi lançado em 1967, foi eleita a trilha psicodélica ideal para o "Verão do Amor". A banda já abusava da mídia, declarando-se "maior que Jesus Cristo" e anunciando que não fariam mais shows para se dedicar ao estúdio. O álbum foi considerado um salto no conceito musical, um triunfo do pop, a evolução da música ao status definitivo de arte e o passaporte para que os Beatles se consolidassem realmente como a maior banda que o mundo já conheceu.

CRÉDITOS ORIGINAIS

SGT. PEPPER'S AND THE LONELY HEARTS CLUB BAND — THE BEATLES

Design por Robert Fraser, Paul McCartney, Peter Blake & Jann
Haworth

Fotografia por Michael Cooper

Lançado em 1 de junho de 1967

Selo: Capitol/Parlophone

Produzido por George Martin

Para mais informações sobre a banda, visite:

www.beatles.com

SOBRE O AUTOR

Carlos Lopes é jornalista, músico, produtor e escritor. No início dos anos 80, fundou uma das bandas de metal mais populares do Brasil, a Dorsal Atlântica, onde era guitarrista, compositor e vocalista. Colaborou desde cedo com desenhos e textos para várias publicações e *fanzines*. Formou-se em jornalismo na Faculdade da Cidade no Rio de Janeiro. A partir dos anos 90, passou a escrever para diversos jornais e revistas independentes, sendo também convidado para produzir bandas independentes de *rock* em estúdio. Desde 2006, edita o sítio www.omartelo.com, que versa sobre cultura, música e comportamento. Lopes também apresenta o programa Puro Metal na rádio Venenosa FM (www.venenosafm.com.br) todos os domingos às 22h, com reprise terças às 21h.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

26 SGT. PEPPER'S LONELY HEARTS CLUB BAND

THE BEATLES

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. SGT. PEPPER'S LONELY HEARTS CLUB BAND
2. WITH A LITTLE HELP FROM MY FRIENDS
3. LUCY IN THE SKY WITH DIAMONDS
4. GETTING BETTER
5. FIXING A HOLE
6. SHE'S LEAVING HOME
7. BEING FOR THE BENEFIT OF MR. KITE!
8. WITHIN YOU WITHOUT YOU
9. WHEN I'M SIXTY-FOUR
10. LOVELY RITA
11. GOOD MORNING GOOD MORNING
12. SGT. PEPPER'S LONELY HEARTS CLUB BAND (REPRISE)
13. A DAY IN THE LIFE

